

Os embates discursivos entre os parlamentares Jean Wyllys e Bolsonaro durante a votação do impeachment

Discursive clashes between parliamentarians Jean Wyllys and Bolsonaro during the vote on impeachment

Luan Barbosa da SILVA¹
Cláudio Cardoso PAIVA²

Resumo

O texto busca apontar elementos para uma interpretação das narrativas e conversações nas redes sociais. De modo específico procura examinar as formas assumidas pelo *ethos* na comunicação em rede e, para isso, coloca em perspectiva o polêmico caso, que teve repercussão na imprensa, acerca do episódio em que o parlamentar Jean Wyllys respondeu às provocações do deputado Jair Bolsonaro, cuspidando neste, durante a votação do impeachment. Sem querer tomar partido na disputa ideológica entre ambos os parlamentares, o trabalho pretende demonstrar como o fato ganhou amplas proporções nas redes sociais, indicando que o novo nicho sociotécnico-comunicacional constitui uma arena de debates com consequente efeito no espaço público, concorrendo com o modo tradicional de reportagem do acontecimento no jornalismo clássico.

Palavras-Chave: Disputa simbólica. Facebook. Jean Wyllys. Jair Bolsonaro.

Abstract

The text seeks to identify elements for an interpretation of narratives and conversations on social networks. Specifically seeks to examine the forms taken by the *ethos* in network communications and, therefore, puts in to perspective the controversial case, which had repercussions in the press, about the episode in which the parliamentarian Jean Wyllys responded to provocations by Mr Jair Bolsonaro, spitting him, during the vote on impeachment. Without wanting to take sides in the ideological dispute between the two parliaments, the paper aims to demonstrate how the fact gained ample proportions in social networks, indicating that the new socio-technical-communicational niche is a debate arena with consequent effect on public space, competing with the way traditional event of the report in the classic journalism.

Keywords: Symbolic Dispute. Facebook. Jean Wyllys. Jair Bolsonaro.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba. Email: uma.luan@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UEPB. E-mail: claudiopaiva@yahoo.com.br

Introdução

O advento das tecnologias digitais amplificou os canais de comunicação e tornou possível a consolidação de uma democracia interacional que legitima a participação dos sujeitos e a projeção de suas ideologias no ciberespaço. A fluidez desses canais alterou nossa percepção de tempo e espaço e quebrou paradigmas contextuais dos papéis que assumem os atores sociais – emissores e receptores. As novas configurações permitem a manutenção das relações sociais na cibercultura, onde o usuário é peça central nas novas formas de comunicação, expressão e interação, principalmente no que diz respeito à manifestação da opinião e busca de informações (SILVA, 2012, p. 1).

As redes sociais, segundo Castells (2004, apud MARCON, 2012, p. 1), são redes de comunicação que abarcam a linguagem simbólica dos seus usuários, bem como os limites culturais e relações de poder. São, portanto, espaços de interação, lugar comum de fala, que possibilitam a construção/projeção de identidades individuais. Conforme propõe Sibilia (2003), as redes sociais exigem a projeção do “eu” no ciberespaço para a legitimação de uma identidade com voz ativa na rede. Portanto, é essencial e necessário que haja interação entre os atores que constroem esse espaço de projeção e reflexão das personalidades do sujeito e traz, porém, alguns conflitos íntimos e externos. A aproximação de ideologias e pontos de vista diferentes resultam em choque de percepções e entendimentos que findam em uma verdadeira disputa de egos.

Quando se trata de embates políticos estes conflitos ganham maior proporcionalidade, gerando ampla audiência e participação dos usuários na rede. O *Facebook*, por exemplo, é território fértil para a disseminação de opiniões e manifestações que provocam “embates, ambiguidades, subjetividades e conflitos, tudo demasiadamente heterogêneo e multifacetado, sugerindo uma representação do sujeito e do espaço midiaticizado em plena marcha para uma infinidade de reelaborações” (FREDA e RECUERO, 2014).

Logo, este trabalho se propõe a analisar a repercussão e discursos do caso que sucedeu à votação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados Federais no dia 17 de abril de 2016, quando, após justificar o seu voto, o Deputado Federal Jean Wyllys foi insultado e respondeu cuspiendo no Parlamentar Jair

Bolsonaro, o que causou alvoroço na internet e acirrou as questões ideológicas a favor e contra a ambas personagens.

1 Sociedade de informação e projeção da identidade na rede

A evolução tecnológica trouxe o paradigma técnico-econômico da sociedade pós-industrial e expôs insumos de informação transformados pela reestruturação do capitalismo no final do século XX. As novas tecnologias, segundo Castells (2000), se desenvolvem para possibilitar ao homem uma atuação sobre a informação propriamente dita, tornando esta uma parte integrante de toda atividade humana, individual e coletiva. Segundo o autor, a nova sociedade informacional, guiada pela amplificação dos meios técnicos, passa a ser mais flexível, facilitando a reconfiguração de processos sociais.

Seguindo a articulação de Castells (2008, p.54), as relações de produção, experiência e poder, fundamentadas na comunicação simbólica entre os sujeitos, tornam-se visíveis ao longo da história e, com isso, emergem culturas e identidades coletivas. Aqui, a tecnologia é a principal fonte de produtividade, conhecimento, processos de informação e comunicação de símbolos, conforme argumenta o autor:

(...) a tecnologia e as relações técnicas de produção difundem-se por todo o conjunto de relações e estruturas sociais, penetrando no poder e na experiência e modificando-os. Dessa forma, os modos de desenvolvimento modelam toda a esfera de comportamento social, inclusive a comunicação simbólica.

Para o autor, as funções e processos na era da informação giram, cada vez mais, em torno de redes que constroem uma nova morfologia social. Com a internet, além da informatização, a sociedade entrou na era interativa de um mundo em redes globais onde a comunicação é mediada por computadores que abrangem todas as expressões culturais. Castells (2008, p. 461) vê a internet como algo capaz de “abarcando e integrando todas as formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais”. Esses novos ambientes de comunicação, portanto, proporcionam aos sujeitos pós-modernos a participação social ativa.

A partir das novas configurações sociais da comunicação, podemos pensar no sujeito que emerge na rede a partir da projeção da sua subjetividade no ciberespaço, conforme propõe Sibília (2008, p.15), que percebe uma transformação na sociedade nas últimas décadas onde “não se trata apenas da internet e seus universos virtuais para a interação multimídia. São inúmeros os indícios de que estamos vivenciando uma época limítrofe, um corte na história”, ilustrando, assim, a ideia de mutação do contexto histórico pela explosão tecnológica que permitiu ao homem impor-se como sujeito na sociedade.

Ao observarmos as plataformas sociais virtuais percebemos um convite implícito ao sujeito, que o leva a pensar em suas particularidades e em sua relevância diante daquele dispositivo o qual pode – e deve – alimentar. Nicolau et al (2011 p. 60) indica que essa nova forma de consumir alterou o ciberespaço, proporcionando, assim, maior visibilidade e poder de decisão ao usuário:

Os dispositivos informacionais e comunicacionais têm deixado de ser apenas suportes de envio e recebimento de mensagens para se transformarem em verdadeiros ambientes de interação entre os indivíduos e os conteúdos mediados. Neste cenário, a autonomia para interferir na própria elaboração dos conteúdos parece ser uma das tônicas desse novo comportamento, situado no que temos comumente definido como cibercultura – uma cultura característica das plataformas cibernéticas que emerge diante dos novos usos e possibilidades das ferramentas comunicacionais.

Na subjetividade contemporânea não há segregação do espaço público e privado do indivíduo, que passa a mixá-lo de forma que um dependa do outro e isso não soe invasivo. O sujeito é convidado a se expor quando abre a página inicial do Facebook, que indaga “No que você está pensando? ”. Aparentemente simples, a questão invade o íntimo do indivíduo, convidando-o a abrir ao mundo sua vida particular, de modo que se torne pública. Percebemos, assim, um deslocamento da intimidade interiorizada em direção a novas formas de autoconstrução. Sibília (2008, p.23) vê este fenômeno, principalmente nas redes sociais, como estratégias utilizadas pelo sujeito contemporâneo para responder às novas demandas socioculturais, buscando outras formas de ser e estar no mundo:

No esforço de compreender estes fenômenos, alguns ensaístas aludem à sociabilidade líquida ou à cultura somática do nosso tempo, onde aparece um tipo de eu mais epidérmico e flexível, que se exhibe na superfície da pele e das telas. Referem-se também às personalidades alterdirigidas e não mais introdirigidas, construções de si orientadas para o olhar alheio ou “exteriorizadas”, não mais introspectivas ou intimistas.

Falamos, então, de tiranias da visibilidade que, constantemente, chocam-se em busca de uma legitimação mediada por algoritmos e traduzidas em *likes* e *shares*, no caso do *Facebook*. Trata-se de uma audiência invisível que alimenta o sentimento de disputa dos discursos nas redes, que traz à tona empates sociais amplificados no ciberespaço, gerando, assim, maior desgaste discursivos e disputas simbólicas.

2 O Facebook como arena de disputas simbólicas

O crescimento das redes sociais no mundo nos últimos anos possibilitou o direcionamento de contextos e práticas históricas e sociais para novos processos de comunicação. No Brasil, cerca de 99 milhões de pessoas têm contas ativas na plataforma *Facebook*³, o que intensifica a fomentação dos discursos empíricos no meio online. Sendo um agrupamento social de atores (pessoas, instituições, grupos - os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais), conforme propõe Recuero (2013, p.54), as redes sociais são espaços caracterizados por persistência, audiências invisíveis e replicabilidade, ou seja, nesses espaços os discursos deixam rastros que permitem a sua reprodução imediata e por qualquer sujeito, conforme indica a autora:

Parece que nos deparamos com uma hiperconexão das redes nos sites de redes sociais. As conexões nessas ferramentas parecem estar amplificadas pelas práticas sociais dos atores, amplificando, também, todas as características dos públicos em rede. Quanto mais conectados estão essas redes, mais visíveis estão as mensagens que são publicadas pelos atores e mais capazes são de ser discutidas, buscadas, replicadas e reproduzidas pelos demais.

³Dados do Facebook Brasil divulgados em Janeiro de 2016. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-revela-dados-do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html>

Essas conversações, amplas e públicas, são fomentadas na interação dos atores sociais, que, mesmo invisíveis, estendem as discussões e, potencialmente, chegam a outros atores. Assim são gerados embates que nada mais são do que a tentativa de construir, ou reproduzir, valores e ideologias frente ao objeto de discussão. Pensamos, então, em capital social, pois os valores em rede são negociados e centrados na estrutura de grupos sociais, mas também individualmente (Coleman, 1988; Putnam, 2000; Bourdieu, 1983). No *Facebook*, o capital social é traduzido em “capital social de manutenção” pela facilidade de manutenção das conexões sociais já existentes. O baixo custo para criar e manter as conexões na plataforma maximiza as conexões e busca retorno frente os valores construídos pelos grupos e indivíduos na rede social (Lampe, Ellison&Steinfeld, 2007).

A possibilidade de criar e manter uma identidade, que pode e deve ser legitimada por outros atores baseando-se em reputação e autoridade, projeta neste âmbito as particularidades simbólicas e articula embates de capitais sociais. Não falamos de uma nova esfera pública, mas de novos espaços que facilitam o debate, aprimoram as discussões sociais e ampliam a prática da democracia, muito embora os discursos sejam quase sempre pautados pelos grupos dominantes massivos.

2.1 O cotidiano midiaticizado na rede

Para entendermos como esses embates ideológicos ganham corpo nas redes sociais é preciso pensar em como midiaticizamos o cotidiano. Certeau (2008) nos indica que o cotidiano é construído a partir de uma releitura de referências que os sujeitos fazem de valores e ideologias que lhe são comuns e importantes. É como se cada indivíduo articulasse uma maneira própria de existir a partir dos seus referenciais peculiares e viabilizasse, através das ferramentas disponíveis, um cotidiano que liga as práticas sociais e culturais à mídia e constrói um lugar de produção social de sentido. É o que Sodré (2006) denomina de “sociedade midiaticizada”, em referência à cultura da virtualidade real, onde as relações sociais são estruturadas a partir de interfaces comunicacionais e incitadas por conteúdos midiáticos.

A comunicação de uma sociedade midiaticizada se dá pela articulação de mediações, pelo enlaçamento de emissor e receptor que despejam intenções, desejos e

necessidades, formando um verdadeiro mosaico de interfaces que, segundo Cardoso (2010, p.28), “estão baseadas na televisão e na Internet, estabelecendo ligações ao usar diferentes tecnologias de comunicação e informação, como o telefone, o rádio, a imprensa escrita etc.”. O autor leva-nos a pensar em uma “dieta de mídia” como metáfora para entender o conjunto de mídias pessoais e de massa estruturadas pelo indivíduo de acordo com sua necessidade e desejo. E é esta “dieta” que forma novos entendimentos sobre o processo de formação de opinião, conforme salientam Martinuzzo e Ribeiro, (2015, p.126):

A opinião e seu regime são fenômenos de atualização/reinvenção constante, conectadas que estão à experiência concreta/cotidiana da existência, seja em seus fundamentos (temas, crenças, valores, pautas, etc.), seja em seus processos (meios, dinâmicas, temporalidades, etc.). Investigar o regime de opinião em face das redes sociais é importante quando se tem em conta que o cotidiano é um ininterrupto processo de invenções e reinvenções a partir daquilo que o homem tem a sua disposição para tecer a sua história, incluindo suas opiniões e, mais recentemente, redes sociais.

A sociabilidade se estrutura, assim, a partir de várias conexões que formam territórios (informacionais) no ciberespaço, misturando-se às tramas do cotidiano que legitimam os discursos dialógicos, autônomos e populares dos indivíduos que ocupam tais espaços. O cotidiano se reinventa nas práticas comunicacionais e em suas tecnologias correspondentes, não de forma abrupta, mas no ritmo das demandas, desejos e necessidades. A dinâmica da midiatização da opinião no *Facebook* é, portanto, uma evidência concreta dos fundamentos do cotidiano midiatizado.

3 A estratégia de resposta de Jean Wyllys às provocações de Jair Bolsonaro e a repercussão no Facebook

O cenário político é perpassado por ideologias antagônicas que geram atritos discursivos. Historicamente, o Congresso Nacional Brasileiro, que abriga atualmente 512 Deputados Federais⁴, tem sido dividido em blocos heterogêneos que sustentam suas crenças, ideais e propostas. A grosso modo, tendemos a separar esses blocos entre

⁴Informação disponível no site da Câmara Federal. Disponível em: <http://migre.me/tZubE>. Acesso em 30/05/2016

direita e esquerda política. Martins (2015)⁵ nos elucida sobre a definição de ambas as posições, classificando de direita aquele que “representaria uma visão mais conservadora, ligada a um comportamento tradicional, que busca manter o poder da elite e promover o bem estar individual”, enquanto que, o sujeito de esquerda “presumiria lutar pelos direitos dos trabalhadores e da população mais pobre, a promoção do bem estar coletivo e da participação popular dos movimentos sociais e minorias”. O conceito da autora ajuda-nos, então, a pensar nas personagens analisadas neste trabalho: Jean Wyllys e Jair Bolsonaro.

3.1 À esquerda, Jean Wyllys

Jean Wyllys ficou conhecido nacionalmente ao participar da quinta edição do *reality show Big Brother Brasil* e ser o primeiro homossexual a vencer o programa. Após a exibição nacional, o ex-BBB enveredou pela política e assumiu a voz na luta por direitos das minorias, como a comunidade LGBT, mulheres e negros. Em 2010 lançou-se como candidato a deputado federal pelo Partido Socialismo e Liberdade do Rio de Janeiro (PSOL-RJ), assumindo o cargo em 2011 e se reelegendo em 2014 para o seu segundo mandato na Câmara. Em sua biografia oficial⁶, o parlamentar coloca-se contra a “homofobia, a intolerância e o fundamentalismo religioso, a discriminação contra o povo de santo, o trabalho escravo, a exploração sexual de crianças e adolescentes, e as violências contra a mulher”.

O Deputado faz parte de frentes progressistas que atuam pela efetivação dos direitos humanos, valorização da cultura, combate à corrupção, liberdade de expressão e inúmeras pautas que, tradicionalmente, são feridas abertas à sociedade conservadora, como, por exemplo, a descriminalização da maconha. Polêmico, o projeto, sobretudo, regularia a produção e comercialização da maconha e seus derivados, aproximando-a de produtos lícitos como álcool e cigarro. Em sua justificativa, Wyllys (2014) vê a descriminalização da Cannabis como alternativa ao fim dos cartéis de drogas no país⁷:

⁵Política: O que é ser esquerda, direita, liberal e conservador? Disponível em: <http://migre.me/tZt2a>. Acesso em 01/06/2016

⁶Biografia oficial de Jean Wyllys. Disponível em: <http://migre.me/tYHkU>. Acesso em 30/05/2016

⁷Projeto oficial sobre a descriminalização da Cannabis. Disponível em: <http://migre.me/tZt6y>. Acesso em 30/05/2016

O projeto não pretende “liberar” o comércio da maconha, mas regulá-lo. Aliás, ele está, hoje, na prática, “liberado”, assim como o comércio de todas as outras drogas atualmente proibidas. Existe, por um lado, uma legislação que o proíbe e o criminaliza, cuja ineficácia prática é incontestável, e por outro lado, todo um sistema de produção e comercialização da maconha que funciona, sem qualquer impedimento, no mundo real. Isso é fato. Com independência da ação punitiva do Estado, esse sistema continua funcionando e cada pessoa que é presa ou executada sem direito de defesa pela polícia ou por uma facção rival — quase sempre pobres, favelados e na maioria dos casos jovens e negros; quase sempre aqueles que têm a menor responsabilidade e os menores lucros, na ponta — é substituída por outra sem atrapalhar ou impedir a continuidade do circuito.

O parlamentar também assina projetos que regulamenta a atividade dos profissionais do sexo, estabelece os mecanismos jurídicos para o reconhecimento da identidade de gênero, permitindo às pessoas a retificação de dados registrares, incluindo o sexo, o prenome e a imagem incluída na documentação pessoal e, a alteração no Código Civil para reconhecer o casamento civil e a união estável entre pessoas do mesmo sexo.

3.2 À direita, Jair Bolsonaro

Em seu sétimo mandato como Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, Jair Messias Bolsonaro é militar da reserva e foi o parlamentar mais votado no estado na última eleição, em 2014. Atuando pelo Partido Progressista (PP), Bolsonaro é conhecido por sua posição conservadora em defesa da família e do Estado Brasileiro. Dentre seus projetos mais visíveis está a proibição da distribuição de cartilhas sobre gênero e sexualidade nas escolas públicas brasileiras, o qual chama de “kit gay”, por acreditar que o material faz apologia à homossexualidade, e a castração química como condição para o condenado por estupro voltar à vida em sociedade.

Em seus discursos públicos, Bolsonaro assume, quase sempre, ideologias radicais e, constantemente, entra em conflito com os discursos libertários, como quando, em 2014, durante uma sessão na Câmara, confrontou a Deputada Maria Rosa (PT-RS) ao dizer que não esturparia a parlamentar porque esta não merecia⁸.

⁸Discurso noticiado pelo jornal Estadão. Ver em: <http://migre.me/tZuoG>. Acesso em 30/05/2016

3.3 A votação do impeachment e os discursos antagônicos

No dia 17 de abril de 2016 o país acompanhou, através da televisão e internet, a votação da abertura do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados Federais. A votação, com duração de mais de seis horas, foi marcada por tensão e atritos entre os parlamentares favoráveis e os contrários ao impedimento da presidenta.

Dentre as personagens aqui analisadas, o deputado Jair Bolsonaro foi quem primeiro manifestou o seu voto durante a sessão. Em seu discurso, o parlamentar justificou o seu voto a favor do impedimento “pela família, pela inocência das crianças em sala de aula, contra o comunismo [...] e pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra”⁹, o qual alegou ser o pavor de Dilma Rousseff. O discurso de Bolsonaro causou polêmica nas redes sociais, onde os internautas apontaram o homenageado como membro da ditadura militar.¹⁰

O discurso de Bolsonaro foi recebido com indignação por muitos cidadãos, que o acusaram de fazer apologia à ditadura militar. Em publicação em sua página oficial no Facebook, o Deputado Federal Chico Alencar (PSOL-RJ) mostrou sua indignação com o fato e alertou seus seguidores sobre o caráter do coronel homenageado durante o voto do colega parlamentar. A maior parte dos comentários vão em direção à condenação da homenagem: “Eu me pergunto, como pode um ser se auto denominar cristão e ser a favor de gente como Bolsonaro? Esse homem prega ódio, segregação, idolatra torturadores, e mesmo com tudo isso, é aclamado”¹¹, indaga uma usuária da rede social. Há, porém, muitos comentários que tentam desarticular o discurso de Chico Alencar, ou igualar os atos de Ustra com os de outros líderes da esquerda extremistas, conforme provoca outro usuário: “Essa hipocrisia do PSOL é demais... A Luciana Genro, o Jean

⁹Discurso disponível em <http://migre.me/tZtaS>. Acesso em 30/05/2016

¹⁰Carlos Alberto Brilhante Ustra atuou, entre 1970 e 1974, como comandante da DOI¹⁰-Codi do Exército de São Paulo, órgão de repressão política do governo militar, e foi acusado pelo Ministério Público Federal por envolvimento em crimes como o assassinato do militante comunista Carlos Nicolau Danielli, sequestrado e torturado nas dependências do órgão. Em 2008, tornou-se o primeiro militar reconhecido pela Justiça como torturador de pelo menos 45 pessoas durante a ditadura. Ustra também foi denunciado por homicídio doloso qualificado pela morte do jornalista Luiz Eduardo da Rocha Merlino, em julho de 1971, mas faleceu antes de ser julgado pela Lei de Anistia. Informações do site G1 <http://migre.me/tZte7>. Acesso em 30/05/2016

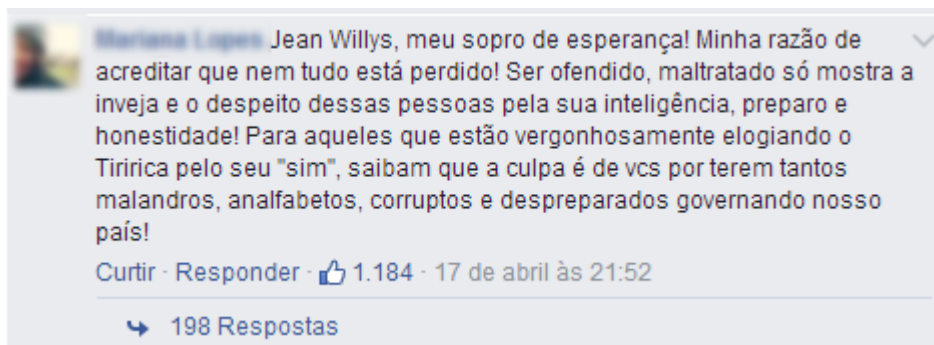
¹¹Publicação no Facebook de Chico Alencar. Ver em: <http://migre.me/tZtmc>. Acesso em 30/05/2016

Willys e mais alguns idolatram o Che Guevara.. E ai? Como fica? Quantas pessoas o Che Guevara matou? Chegou matar até criança.... Vcs são a escória moral!!!”¹²

Aqui começamos a perceber a inserção de elementos externos à personalidade do sujeito, que levanta bandeiras, ideologias e “vai à guerra” defender sua visão, projetando, conforme nos propôs Sibilía (2008) mais acima, sua subjetividade nos espaços online e ecoando discursos na tentativa de vencer uma disputa simbólica.

Ao subir no palanque para defender o seu voto, o deputado Jean Wyllys teve dificuldades para falar devido às manobras barulhentas dos adversários. Em seu discurso, Jean criticou a votação e “em nome dos direitos LGBT, do povo negro exterminado nas periferias, dos trabalhadores da cultura, dos sem-teto e dos sem-terra¹³”, votou contrário à pauta proposta, a qual classificou como “golpe à democracia”. Postado na página oficial do Deputado no *Facebook*¹⁴, o vídeo teve mais de 14 milhões de visualizações, 250 mil curtidas e 182 mil ¹⁵compartilhamentos pelos usuários da rede social. Nos mais de 61 mil comentários há muitos discursos de apoio à fala de Jean, bem como explicações que vão na contramão da ordem proposta pelo parlamentar, conforme ilustram as figuras abaixo.

Figura 1 - Comentário a favor do discurso de Jean Wyllys



Fonte: Facebook (Acervo pessoal do autor)

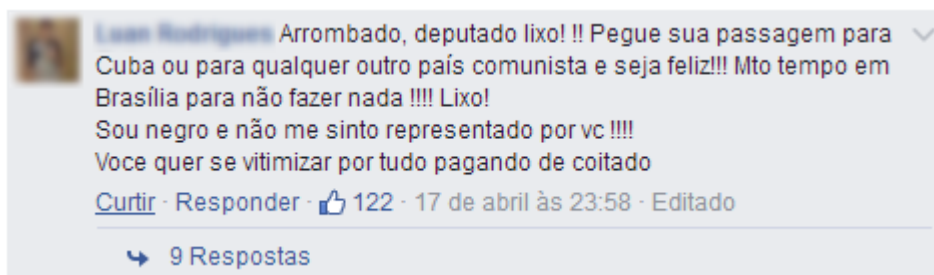
¹²Publicação no Facebook de Chico Alencar. Ver em: <http://migre.me/tZtoq>. Acesso em 30/05/2016.

¹³Discurso disponível no Facebook de Jean Wyllys. Ver em: <http://migre.me/tZtqM>. Acesso em 30/05/2016

¹⁴Página oficial do Deputado Jean Wyllys no Facebook. Ver em: http://migre.me/tZtrZ_.

¹⁵Dados observados na publicação do Facebook em 30/05/2016. Ver em: <http://migre.me/tZtqM>.

Figura 2 - Comentário contra o discurso de Jean Wyllys



Fonte: Facebook (Acervo pessoal do autor)

Em uma sociedade em que os sujeitos são livres para projetarem suas identidades e construírem opiniões sobre qualquer tema é visível que, nas redes sociais, a subjetividade do indivíduo é derramada sobre tal conteúdo e provoca uma espécie de dispositivo reflexivo subjetivo, visto no comentário da usuária na figura 1, ao mesmo tempo em que é repellido pelo segundo usuário na figura 2, tendo assim efeitos completamente contrários. No caso da agressão verbal, um dos principais valores que orientam esse comportamento é a instauração de uma visão de liberdade da expressão que, interpretada literalmente, pode dar espaço a agressões verbais das mais diversas. Há uma noção do discurso livre que permite não somente agressões contra a honra, mas também discursos de ódio, conforme veremos mais à frente. Bourdieu (2000) lembra que os sistemas simbólicos cumprem a função de serem instrumento de imposição à dominação de uma classe sobre a outra (a direita sobre a esquerda e vice-versa). São extremos de uma violência simbólica que, através de insultos, tenta impor o seu ponto de vista e atrair reciprocidade naquele espaço.

3. 4 O embate entre Wyllys e Bolsonaro e a repercussão nas mídias

Por serem parlamentares do mesmo estado, Jair Bolsonaro e Jean Wyllys votaram no mesmo bloco, um seguido do outro. Ao finalizar o seu voto na Câmara, Jean cuspiu na direção de Bolsonaro, causando tumulto na sessão e nas mídias. Em entrevista ao *Jornal Estadão*¹⁶, Jean justificou que teria sido puxado e insultado pelo colega parlamentar após concluir seu voto e que revidou da forma que pode, não temendo,

¹⁶ Matéria publicada pelo Estadão. Disponível em: <http://migre.me/tZtuf>. Acesso em 30/05/2016

assim, um processo por quebra de decoro parlamentar: “processo merece quem é machista, quem é a favor da violência, que defende a memória de Brilhante Ustra, um torturador. Isso deveria escandalizar vocês, não um cuspe”, justificou.

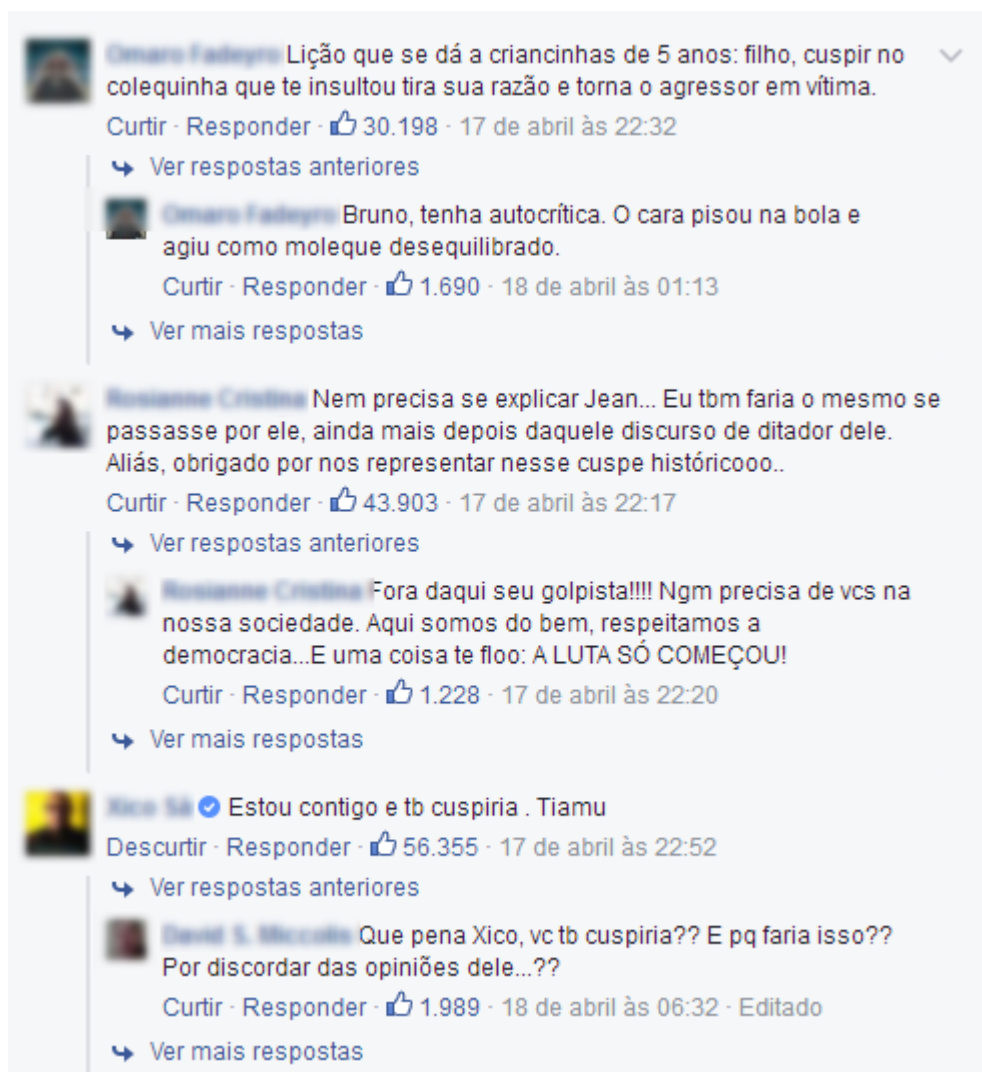
Após a sessão de votação, Jair Bolsonaro deu entrevista ao Extra¹⁷ e negou ter xingado Wyllys antes de levar a cusparada. “Eu não o segurei, as câmeras vão mostrar isso. Também não o xinguei, (não) vou chutar cachorro morto”, justificou o parlamentar, que protocolou na Comissão de Ética da Câmara um processo disciplinar contra Jean. O caso rendeu diversas matérias nas mídias online e nas redes sociais. Jean Wyllys, em publicação oficial¹⁸, admitiu ter cuspidido em Bolsonaro após ter sido puxado e xingado com termos homofóbicos e pejorativos pelo colega da Câmara. A publicação rendeu 482 mil curtidas e mais de 125 mil comentários que revelam os embates discursivos proposto por esse trabalho.

A partir de agora fica em evidência dois grupos que travam uma disputa simbólica: o primeiro grupo condena a atitude de Jean Wyllys, classificando-a como quebra de decoro parlamentar que tira a razão em uma disputa de discursos. O segundo coloca Jean como persona de representatividade, agradecendo ao parlamentar pelo cuspe dado em Bolsonaro. O que é perceptível, e veremos a seguir, é a vidente subjetividade que transborda os limites da própria identidade como caminho de legitimação de uma ideologia coletiva: se você apoia Jean Wyllys, você é “comunista extremista, farsante e vitimista”, mas se apoia Jair Bolsonaro é “contra os direitos humanos, torturador, analfabeto político”, conforme veremos em alguns comentários extraídos da publicação do deputado do PSOL-RJ.

¹⁷Matéria publicada no Jornal Extra. Disponível em: <http://migre.me/tZtvn>. Acesso em: 30/05/2016

¹⁸ Explicação de Jean Wyllys publicada no Facebook, Disponível em: <http://migre.me/tZtx3>. Acesso em 30/05/2016

Figura 3 - Comentários sobre o cuspe de Jean em Bolsonaro



Fonte: Facebook (Acervo pessoal do autor)

A figura acima nos revela que “ao expressar suas próprias opiniões, cada indivíduo se oferece aos demais, num ato de adesão social” (Matheus, 2011, p.10). O embate, de natureza política e ideológica, é endossado pelas curtidas e comentários, que aumentam a audiência e estendem o debate sobre o fato. Percebe-se que há, de um lado, a tentativa de deslegitimar a ação de Jean Wyllys, aproximando-a de um ato infantil que “criancinhas de 5 anos” aprendem que é errado. Enquanto que outros depositam reflexos de representação e agradecimento. As trocas simbólicas são intensas e extensas, ilustrando uma luta ideológica entre direita e esquerda nas redes sociais que ultrapassam

o desentendimento pessoal dos parlamentares, conforme o diálogo abaixo, extraído da mesma publicação:

Raffaella: Em nenhum momento o DEP. Jean enalteceu seu gesto. Só quem é gay/lesbica/trans/negro/mulher, enfim, só quem está à margem, sabe como é difícil, doloroso e traumático ser ofendido diariamente. Tudo tem um limite! Imagino o que Jean passa por meses diante desse fascistas. Estou com ele, como sempre! (3.567 curtidas)¹⁹

Rodrigo: Esse Jean Wyllys mente que nem sente. Parece até esquecer que está gravado. Não estou defendendo Bolsonaro, mas querer justificar uma conduta dessas à base de mentiras é absurdo. Como se pode ver no vídeos em momento algum ele foi segurado ou xingado, apenas não gostou quando Bolsonaro acenou com as duas mãos para cima, dando tchau. Vc como deputado, é um ótimo ex-bbb (1098 curtidas).²⁰

A este nível, fica evidente que há um embaçamento de espelhos nas identidades dos sujeitos que opinam. A concordância – ou não – com o fato absorve elementos externos ao discurso e, conseqüentemente, à personalidade, que vem a público, se legitima neste espaço democrático e costura hábitos e opiniões cotidianas de um tecido sociocultural que (re)define o espaço e tempo em que os indivíduos vivem. Os atos dos deputados são colocados na mesma balança e são os sujeitos que regulam o peso. Em artigo publicado na revista CULT, Gilson Ianninni faz do cuspe de Jean poesia, ato simbólico contra um discurso fascista, mas o psicanalista é realista ao reconhecer o poder de persuasão de Bolsonaro, legitimado, muitas vezes, pelo público nas redes sociais.

Considerações finais

A partir da observação dos discursos, narrativas e conversações na internet, percebe-se o fenômeno da polarização ideológica e radicalização dos discursos em torno da luta pelo poder, governamentalidade e *impeachment*, que circulam nas redes sociais e em nível presencial, muitas vezes ganhando dimensões violentas, já que o entendimento não vem apenas da simpatia, mas também da discussão, conforme propõe Santaella

¹⁹Comentário de Rafaella Souza. Disponível em: <http://migre.me/tZtyT>. Acesso em 30/05/2016

²⁰Comentário de Rodrigo Grise. Disponível em: <http://migre.me/tZtzY>. Acesso em 30/05/2016

(2016) em seu recém-lançado “Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política”, onde ilustra uma práxis que se manifesta na exposição pública do pensamento.

Este trabalho não poderia esgotar uma compreensão do fenômeno político-ideológico atual, principalmente porque ainda se encontra em curso; no momento presente deste texto o processo de *impeachment* ainda não se concluiu. O objetivo foi mostrar, primeiramente, que a comunicação colaborativa, compartilhada em rede, é estratégica na medida em que enfrenta o jornalismo e as mídias corporativas, Rede Globo, VEJA, etc, claramente favoráveis ao *impeachment* (por motivações particulares), que são hegemônicas, no que concerne à informação das massas.

Em segundo lugar, na medida do possível, o trabalho indica as formas da (falta de) ética no âmbito do discurso político, tanto no parlamento, como na esfera pública e nas redes sociais, muito embora possam ainda ser percebidas modalidades discursivas éticas, responsáveis, respeitosas, abertas ao diálogo.

E enfim, mesmo em nível elementar e incipiente (conforme às limitações de um breve artigo científico), o estudo apresenta elementos para um “conhecimento aproximado” do *ethos* que norteia o pensamento coletivo irradiado na praça pública e nas redes sociais, e que – sendo afetado pelas informações apressadas dos *mass media* – tende a responder às questões complexas, sob o signo do clichês e dos estereótipos, mas, por outro lado, pulsa dentro e fora do campo midiático – principalmente a partir das emanções da “inteligência coletiva conectada” das redes sociais – modos de pensamento, linguagem e ação críticos e esclarecidos.

Referências

BOURDIEU, P. **O campo econômico**: a dimensão simbólica da dominação. Campinas:

Papirus, 2000.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CARDOSO, Gustavo. **Da comunicação em massa à comunicação em rede**: modelos comunicacionais e a sociedade da informação. In: MORAES, Denis (Org.). *Mutações do visível*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. In: *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

_____. **A galáxia internet**: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian., 2004.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

COLEMAN, J. S. **Social capital and the creation of human capital**. *American Journal of Sociology*, n. 94, 1988.

FREDA, Suélen e RECUERO, Raquel. **Violência simbólica: o discurso do poder simbólico nas interações em fanpages sobre aplicativos no facebook**. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS. Artigo apresentado no XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. SC, 2014.

LAMPE, C., ELLISON, N., & STEINFELD, C. **A familiar face(book): Profile elements as signals in an online social network**. *Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems*. New York: ACM Press, 2007.

MARTINUZZO, J. A.; REZENDE, R. **Opinião na rede: influência e dinâmica no facebook**. *Revista FAMECOS (Online)*, v. 22, 2015

MATHEUS, Carlos. **As opiniões se movem nas sombras**. São Paulo: Atlas, 2011.

PUTNAM, R. D. **Bowling alone**. New York: Simon & Schuster, 2000

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. **Atos de ameaça a face e a conversação em redes sociais na internet**. *In: Alex Primo. (Org.). Interações em Rede*. 1.ed. Porto Alegre: Sulina, 2013, v. 1.

SANTAELLA, Lucia. **Temas e dilemas do pós-digital**. A voz da política. São Paulo: Paulus, 2016.

SIBILIA, Paula. **Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica do sujeito**. Grupo de Tecnologias Informacionais da Comunicação e Sociedade, XII Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação COMPOS, Niterói/ RJ, 2003.

_____. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Rafael. **O ciberespaço como lugar para o jornalista**. Ano: 2012. Disponível em: <http://migre.me/tZu0N>. Acesso em: 19 de maio de 2016

SODRÉ, Muniz et al. **Eticidade, campo comunicacional e midiatização**. Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.